

## CULTURA

CINEMA LITERATURA LIVROS MÚSICA ARTE TELEVISÃO

Você ainda pode ler 9  
textos gratuitos este  
mês

ASSINE POR US\$ 1

IDEAS &gt;

## Franco Berardi: “O fascismo de hoje é o da impotência. O do século passado era o da potência masculina”

Filósofo e ativista italiano acredita que as telas estão nos afastando do mundo e também vislumbra um horizonte onde a barbárie vai acabar com o planeta. A salvação está em um outro tipo de comunismo



O filósofo Franco 'Bifo' Berardi, em uma rua do bairro El Raval de Barcelona em 22 de maio de 2021. CONSUELO BAUTISTA



LAURA FERNÁNDEZ

05 JUN 2021 - 19:01 BRT

Comunismo ou extinção. É com essa contundência que se mostra o filósofo, ativista e escritor [Franco Berardi](#) (Bolonha, 1949) em *The Second Coming (A Segunda Vinda)*, o pequeno ensaio em que ele se debruça, nada menos, sobre a ideia do Apocalipse. O fundador da histórica e chocante Radio Alice, a primeira rádio à margem do sistema na Itália e também da primeira televisão comunitária italiana, hoje professor de História Social dos Veículos de Comunicação na Academia de Belas Artes de Brera

(Milão), opina que a tela está nos afastando do mundo. Também acha que o mundo está acabando porque “não fomos capazes de consolidar o socialismo que nasceu nos anos sessenta da luta operária e do feminismo, e hoje a barbárie domina em todos os lados”. E é uma barbárie que está acabando com o planeta. Berardi, de sua humilde torre de observação, dispara contra a caótica realidade em que o [fascismo](#) “renasceu” com, diz, “desesperada esperança”, porque tudo está perdido, mas, ao mesmo tempo, pode não estar. Responde à entrevista em um terraço em Barcelona.

**PERGUNTA.** A que o senhor se refere ao dizer que tudo está perdido, mas pode não estar?

**RESPOSTA.** Digamos que, como Nietzsche, tenho dois cérebros. De algum modo, meu pensamento sobre o futuro é bipolar. Por um lado, percebo que os dados demográficos, ambientais, sanitários, geopolíticos e econômicos indicam uma rápida extinção da civilização humana. Não da espécie, e sim da civilização tal como a conhecemos. A comunidade internacional desmorona, tudo desmorona. Mas por outro, digo a mim mesmo que o que está acontecendo no Chile é importantíssimo. Que há uma novíssima geração, [representada pela prefeita de Santiago, Irací Hassler](#), que fala de um comunismo que nada tem a ver com o do século XX. É algo que surge de gente cultivada graças à potência da tecnologia do conhecimento. Estamos em uma encruzilhada, em um bifurcação.

**P.** O senhor situa o auge do fascismo no lado que leva à extinção, evidentemente.

**R.** Sem dúvida. Mas não é exatamente fascismo. O de hoje é um fascismo da impotência. Da ignorância, do sofrimento. No século passado, o fascismo era um fascismo da potência masculina, juvenil. Hoje é o da impotência senil, de uma humanidade branca senil.

**P.** De modo que estamos diante de dois possíveis futuros, e imersos, como indica, em uma guerra civil global desde a [queda das Torres Gêmeas](#).

**R.** Sempre entendemos a guerra civil como uma guerra entre a esquerda e a direita. Mas já não existem esquerda e direita. A de hoje é a [guerra civil das identidades](#), e as identidades são muitíssimas e caóticas, e não exatamente definidas. É a guerra identitária que torna o mundo ingovernável. E volto ao Chile, mas também a [Joe Biden](#) quando penso em uma alternativa a isso. Ainda que diga a mim mesmo, não sei por que, que Biden é hoje menos poderoso do que a prefeita do Chile.

**P.** Em que sentido?

**R.** A figura de Biden me interessa. Mudou seu modo de falar politicamente. Hoje é um homem de esquerda e age como tal. Penso que sendo o homem mais poderoso do mundo talvez possa acabar com o [racismo na polícia](#) e fazer com que a oposição às armas cresça. Mas depois penso que Biden hoje não é nada poderoso. Quer fazer com que o [Google](#) pague imposto, e eu penso, o Google está nos Estados Unidos ou os Estados Unidos estão no Google hoje? Quem decide em última instância, o poder político de Biden ou quem pode desligar a comunicação global?

**P.** O político hoje, então, é um ator passivo?

**R.** Não é o político, e sim a política. A política hoje não tem nada a dizer. Em um sentido teórico, a política é a capacidade de decidir e agir de modo mais ou menos eficaz em relação a um determinado lugar e espaço. Se a política não pode decidir porque tudo acontece tão depressa que sequer pode pensar, e não pode agir eficazmente porque a realidade é muito complexa e os automatismos financeiros são mais fortes do que ela, então está morta. Não serve para nada. Por isso em seu lugar há, hoje, [violência](#) e [corrupção](#), coisas que não têm nada a ver com o que foi a política.

**P.** E, entretanto, o senhor acha que há esperança.

**R.** Existe, porque estamos na metade de uma mutação da dimensão coletiva. Estamos passando do domínio da vontade ao domínio da sensibilidade, entendida esta como a capacidade de sintonizar-se, de detectar de que modo podemos sobreviver. É

#### MAIS INFORMAÇÕES



**Centro Pompidou chega às Américas**



**Fran Lebowitz: “Biden não é Roosevelt, mas pelo menos tenta”**



**Margaret Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”**

por isso que digo que talvez Hassler hoje tenha mais poder do que Biden porque o que está acontecendo tem muito mais a ver com a adaptação evolutiva do que com a imposição autoritária.

**P.** Ou seja, mais com a nova política do que com a velha?

**R.** Não sei se chamaria de política. Gosto de definir a política moderna com aquela frase de Maquiavel que diz que a política é um príncipe se submetendo à sorte, reduzindo a complexidade imprevisível da realidade à uma vontade unitária. Funcionou durante cinco séculos em que a potência masculina se submeteu à sorte. Ao final, a catástrofe é evidente. A destruição do planeta é a principal consequência. Para sair disso precisamos submergir em um caos que vá permeando de modo que exista uma progressiva sensibilização às novas formas, que passam por estabelecer outra relação com o consumo, o prazer, e o tempo. O essencial.

**P.** Acha que a [pandemia](#) ajudou nesse sentido?

**R.** No começo pensei que a pandemia poderia produzir uma ruptura profunda no ciclo econômico e psíquico do consumismo e, em certa medida, foi assim. Mas trouxe algo mais. Devemos nos preparar para uma crise depressiva a longo prazo.

**P.** E como essa depressão se encaixa na ideia do autômato de que fala em seu livro? Não surge em um momento em que a quantidade de estímulos é tamanha que pode chegar a impedir que seja consciente dessa depressão?

**R.** A intensificação dos estímulos torna impossível decodificar emocional e racionalmente o mundo hoje. Vivemos no caos. E o que fazemos para enfrentá-lo? Criamos automatismo. O automatismo propõe uma solução válida diante de uma situação muito complexa. O complicado é que o automatismo aumenta a condição de sofrimento psíquico, porque como autômatos nos sentimos presos. E isso faz com o caos aumente. É um peixe que morde a cauda. Quanto maior o caos, mais automatismos. Pensemos no [big data](#). É uma tentativa de fixar automatismos que tornem possível a vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a razão e a vontade enlouquecem. As fake news aparecem. Mas as [fake news](#) não são novas. Existem desde Nero. Só que viemos de um tempo, o da modernidade, em que foi possível diferenciar o relevante do que não era. Hoje falamos de tudo, mas tudo é demasiado.

**P.** O senhor realmente considera que o comunismo é a única saída?

**R.** O [comunismo](#) de que falo também não é exatamente comunismo. Fico surpreso que Hassler utilize a mesma palavra porque não está falando de nacionalizar a indústria metalúrgica e de coletivizar o campo. Está falando da única maneira de salvar a humanidade da [catástrofe ecológica](#). Está falando da frugalidade. Não fala de pobreza, de redução de nossa vida, e sim de satisfazer o essencial. O verdadeiramente útil. A pandemia, insisto, marcou uma ruptura profunda nesse sentido. Foi inevitável perceber que o dinheiro vale cada vez menos.

**P.** A que se refere exatamente?

**R.** A que não espero nada da grande intervenção financeira de Biden e da [União Europeia](#). Por que? Porque quando você está morrendo, o dinheiro não serve de nada, quando não há vacina, o dinheiro não serve de nada, e quando você está triste, também não. Só podemos combater a depressão que sofreremos como sociedade com uma política do útil. O que é verdadeiramente útil. É preciso redescobrir de que forma o fazer empobrece o ser. A potência do conhecimento criou hoje as condições para uma igualdade do útil que só pode ser esperançosa. E, apesar de tudo, o fascismo avança. Nós nos encontramos nessa encruzilhada.



**ARQUIVADO EM:**

Franco Berardi Filosofia Comunismo Fascismo Sociedade Mudança Climática Pandemia Iraci Hassler Chile Joseph Biden Estados Unidos Guerra Civil

**MAIS INFORMAÇÕES**

**CINEMA BRASILEIRO** 'Cine Marrocos' coloca as pessoas que a sociedade escolhe não ver "na vitrine mais bonita do mundo"



**ICONA** vida após o cancelamento. Assim ressurgiram (ou não) os artistas a quem o público deu as costas

**NEWSLETTERS**

Receba o boletim diário do EL PAÍS Brasil

**PODE TE INTERESSAR**

"Não é doença, é fome"

Peru vai às urnas eleger um novo presidente sob a sensação de urgência histórica

O mistério ainda não decifrado das relações de Bolsonaro com as Forças Armadas

Falta de critério único para a fila da vacina dificulta o controle de doses aplicadas em grupos prioritários

**O MAIS VISTO EM ...**

Top 50

EL PAÍS

Cultura

07/06/2021

Franco Berardi: "O fascismo de hoje é o da impotência. O do século passado era o da potência masculina" | Cultura | EL PAÍS Brasil

O arranha-céu que esteve a ponto de destruir meia Manhattan (não fosse por uma estudante)

---

Pamela Anderson e Tommy Lee, o último casal do rock que virou uma fábula sobre tudo que já não aceitamos mais

---

Franco Berardi: "O fascismo de hoje é o da impotência. O do século passado era o da potência masculina"

---

Matthew Perry rompe noivado uma semana depois de seu complicado retorno em 'Friends'

---

Quem foi Cynthia Powell, a primeira mulher de John Lennon, que rompeu com sua imagem de santo

---

Os melhores livros do século XXI

---

O 'boom' dos coreógrafos do sexo cênico

---

Rosario morreu sozinha em casa e só foi achada após cinco anos. O caso, noticiado no EL PAÍS, inspirou livro

---

10 gênios que viviam na mais completa (e harmoniosa) desordem

---

O manual de instruções de Vinicius de Moraes

---

© EDICIONES EL PAÍS S.L.

[Contato](#) [Venda de conteúdos](#) [Publicidade](#)

[Aviso legal](#) [Política de Privacidad](#)

[Política cookies](#)

[Configurações de cookies](#) [Mapa](#) [EL PAÍS en KIOSKOyMÁS](#) [Índice](#) [RSS](#)